



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ARQUEOLOGIA E GESTÃO DO
PATRIMÓNIO CULTURAL

CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS ORIGENS URBANAS, NO
INTERIOR E NA COSTA, EM MOÇAMBIQUE: SONGO E SOMANÁ

Autor: José Pilver Clemente

Supervisora: Prof^ª. Doutora Solange Laura Macamo

Maputo, Julho de 2022

**CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DAS ORIGENS URBANAS, NO
INTERIOR E NA COSTA, EM MOÇAMBIQUE: SONGO E SOMANÁ**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da
Universidade Eduardo Mondlane

José Pilver Clemente

O presidente

A supervisora

O oponente

Data:..... /...../2022

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma constitui o resultado das minhas investigações, sob orientação da minha supervisora.

(José Pilver Clemente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente aos meus pais, Clemente Albino e Lúcia Januário da Costa. Aos meus irmãos, Domingos Clemente, Hélio Clemente, Faizal Clemente e Cinésio da Costa Clemente.

AGRADECIMENTOS

O meu muito, mas muito obrigado por ter chegado até este lugar, vai pra o meu Criador, Supremo e Salvador o Deus Todo Poderoso. Que me levantava todas as manhãs e tardes para enfrentar os meus estudos, e por ter-me acompanhado em todo o meu ensino escolar.

Agradeço aos meus pais, Clemente Albino e Lídia Januário da Costa, assim como ao meu irmão, Domingos Clemente, por ter suportado e colaborado com algumas despesas da faculdade para a minha formação. Agradeço ainda, por eles me terem ajudado a superar algumas dificuldades que enfrentei durante o percurso da minha formação. Ao meu pai e à minha mãe que tiveram muita paciência, e pelos conselhos que deles recebi, fico-lhes grato, por isso. Agradeço ainda aos irmãos e primos: Isac Faustino e Flávio Viegas Obra, que se encarregaram de me apoiar, especialmente nos últimos dias dos meus estudos de licenciatura.

O meu especial agradecimento, vai para a Profa. Doutora Solange Laura Macamo, por ser uma das professoras de quem pude aprender muito, através das matérias por ela leccionadas, assim como das consultas facultadas. Os seus ensinamentos contribuíram bastante para a abordagem do tema apresentado.

Não deixaria de agradecer ao corpo dos docentes do DAA/UEM, especialmente ao saudoso Prof. Dr. Leonardo Adamowicz, pelas aulas de práticas de campo, pois estas, foram fundamentais para completar os conhecimentos teóricos do curso de Arqueologia e Gestão de Património Cultural.

Ao Dr. Hilário Madiquida, pelas matérias leccionadas para o aprofundamento do tema apresentado. Ao Dr. Omar Madime, pelas aulas interessantes referentes ao Pensamento Arqueológico, pois contribuíram para reflexão, tanto no contexto moçambicano como mundial sobre o assunto.

Quero ainda agradecer aos docentes de outros departamentos que contribuíram de forma directa para o meu nível académico. Refiro-me, concretamente, à Dra. Etelvina Maçalo que leccionou a disciplina de Sistema de Informação Geográfica, à Dra. Cláudia Buce, ao Dr. Aquiar Baquete, ao Dr. António Manso, entre outros docentes, que também contribuíram na minha formação.

O meu especial agradecimento vai para a turma de Arqueologia e Gestão do Património Cultural do ano 2015, especialmente, aos seguintes colegas: Abel Perreira, Alqira Manhique, Amélia Macoa, Celso Cleber, Janete Matusse, Juma Chande, Higino Mucussete, Hélder Kalambo, Ernesto Júnior Maculuve, Marta Inácio, Pedro Moiane, Rassina Farassi, Vitalina Jairosse e aos demais colegas que foram interactivos durante o meu percurso académico.

Por fim, agradeço aos docentes que foram pacientes, compreensíveis, bondosos, divertidos e justos comigo, nomeadamente: Etelvina Maçalo, Clúdia Buce, Hilário Madiquida, Mauro Langa, Marta Langa, Omar Madime, Kátia Filipe e o saudoso Leonardo Adamowicz.

Índice

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE FIGURAS E TABELAS	vii
SIGLAS	vii
RESUMO.....	1
1. INTRODUÇÃO	2
1.1. OBJECTO DE ESTUDO.....	3
1.2. PROBLEMATIZAÇÃO	4
1.3. OBJECTIVOS.....	5
1.3.1. Geral.....	5
1.3.2. Específicos	5
1.4. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO	5
1.5. METODOLOGIA DA PESQUISA	6
1.5.1 Pesquisa bibliográfica	6
1.5.2. Uso de equipamentos e aplicativos eletrónicos.....	6
1.5.3. Interpretação.....	6
1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO	6
1.7. QUADRO CONCEPTUAL.....	7
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	10
2.1. Breve historial sobre a pesquisa arqueológica da Tradição Zimbabwe-Khami... 10	
2.2. Pesquisas arqueológicas sobre a Cultura Swahili	12
2.3. Breve historial sobre as origens urbanas em Moçambique AD.....	16
2.4. Origens urbanas em Moçambique AD.....	17
3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO.....	20
3.1. Breve descrição do Vale do Zambeze.....	20

3.1.1. Localização.....	20
3.1.2. Clima	21
3.1.3. Solos	21
3.1.4. Vegetação	22
3.2. Breve descrição geográfica da Costa do Índico	23
3.2.1. Localização.....	23
3.2.2. Clima	24
3.2.3. Solos	25
3.2.4. Vegetação	25
4. INTERPRETAÇÃO DE SONGO E DE SOMANÁ, COMO ANTIGOS CENTROS URBANOS	27
4.1. Songo	27
4.2. Somaná.....	30
4.3. Perspectiva geral sobre as origens urbanas no Vale do Zambeze e na Costa do Índico	32
5. CONCLUSÃO	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1. Vista especial da Plataforma do amuralhado de Songo (Foto: Google Imagem/Search 2021).....	27
Figura 2. Vista das construções de Somaná no distrito de Nacaça-a-Velha (Foto: César Mahumane 2018).....	30
Figura 3. Construção de Somaná (Duarte 1993)	31
Mapa 1. Ilustração geográfica do Songo (Elaborado por: Hamido Atuia 2021).....	21
Mapa 2. Localização da antiga Cidade de Somaná (Elaborada por: Hamido Atuia 2021)	24
Mapa 3. Ilustração da ligação que o vale do Zambeze e a Costa do Oceano Índico desempenharam no percurso das origens urbanas em Moçambique (Elaborado por Hamido Atuia 2021)	33
Tabela 1. Antigos centros urbanos de Moçambique do tipo Zimbabwe-Khami, que mantinham relações comerciais com a costa do Oceano Índico.	34
Tabela 2. Antigos centros urbanos da presença Swahili, na costa do Índico, em Moçambique	35

SIGLAS

AD Ano Domini (“nossa era”- n.e.)

AHM – Arquivo Histórico de Moçambique

ARPAC -Arquivo do Património Cultural /Instituto de Investigação Sócio Cultural

BCBM - Biblioteca Central Brazão Mazula

CTAP – Comunidades Tardias de Agricultores e Pastores

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

IFS - Idade do Ferro Superior

MAM - Missão Antropológica de Moçambique

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

ASDI - Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional.

DNC - Direcção Nacional da Cultura

CAT – Comunidades de Agricultores Tardias

PCAP - Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores

SAREC - Agência Sueca para a Cooperação Científica

UOFU - Prosseguimento das Origens Urbanas (Urban Origins Follow Up)

SNAM - Serviço Nacional de Museus e Antiguidades.

RESUMO

O presente trabalho demonstra a relevância do Vale do Zambeze e da Costa do Oceano Índico, numa perspectiva geográfica, para o surgimento dos primeiros centros urbanos em Moçambique. As fontes arqueológicas são usadas para esclarecer que as duas regiões, mantiveram ligações comerciais durante o primeiro e o segundo milénio AD. A região do Vale do Zambeze estabeleceu contactos comerciais com outros povos, através da Costa do Oceano Índico, durante este período. Foi a partir destes contactos comerciais e através da existência de elementos naturais nestas regiões que as Comunidades de Agricultores e Pastores se desenvolveram, durante os finais do primeiro milénio e inícios do segundo milénio AD, dando lugar às origens urbanas. Neste período, as comunidades do interior preferiam instalar as suas habitações no cimo dos montes, em alguns casos, no Vale do Zambeze, tal é o caso do amuralhado do Songo, atribuído à Tradição Zimbabwe-Khami. Este amuralhado consiste em dois tipos de construções, a saber: o amuralhado em si e as casas de *dhaka*, feitas de . Nesta tradição existem dois tipos de técnicas construção: *Free-standing Wall* (Pedras levantas que formavam o amuralhado, no interior do qual eram construídas as casas de habitações da elite dirigente) e *Retaining Wall* (construções em plataforma, por cima da qual assentavam as casas de habitação que eram da elite governante). Songo obeceu ao último estilo de construção em plataforma e posicionou-se como um centro urbano localizado na província de Tete, no distrito de Cahora Bassa, no Vale do Zambeze, sendo o objecto de estudo nesta tese.

Ao longo da Costa Africana, como em Moçambique, encontramos grupos conhecidos como Comunidades costeiras, com hábitos e estilo de vida marítimo. Estas comunidades ergueram as suas cidades na costa. A maior parte das suas cidades, apresentam um único estilo de arquitectura clássica da cultura Swahili, característico da África Oriental. Estas cidades foram construídas, usando a pedra de coral, como seu elemento arquitectónico característico. O exemplo usado neste trabalho é Somaná, antiga cidade Swahili, localizada no Distrito de Nacala-a-Velha, na Província de Nampula, à beira do Oceano Índico.

Palavras-chave: Origens urbanas, Centros urbanos, Amuralhado, Ruina, Interior, Costa.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas arqueológicas realizadas em Moçambique após a independência nacional, foram importantes no desdobrar das origens urbanas em Moçambique. Entre os anos de 1977 até 1983 foram levados a cabo trabalhos de prospecção arqueológica, principalmente nas estações da Idade do Ferro, considerando a sua importância para o conhecimento do passado recente e a extrema deficiência de informações sobre este período. Neste percurso foram registadas estações arqueológicas em diferentes contextos geológicos, quer nas regiões do interior assim como na região costeira. As colecções preliminares de achados arqueológicos foram recolhidas, de modo a se conseguir uma primeira definição das principais tradições da Idade do Ferro (Duarte 1988).

Diante destes dados, foi possível obter alguns resultados dos primeiros estabelecimentos urbanos em Moçambique. Neste caso, os primeiros estabelecimentos urbanos são encontradas em três regiões geográficas do país, nomeadamente: zona sul, centro e norte. Este estudo explora as características geográficas do interior e da costa, para as origens urbanas em Moçambique.

O amuralhado do Songo, sendo um dos objectos de estudo nesta tese, localiza-se no distrito de Cahora Bassa, ns Província de Tete. Este centro encontra-se num afloramento rochoso de granito numa distância de 130 km a noroeste da cidade de Tete, a sul do rio Zambeze (Macamo 2006: 183). Por sua vez, o amuralhado encontra-se numa posição central do planalto, sendo rodeado de montanhas, o que contribui para a formação de uma paisagem cultural peculiar, próxima da área drenada pelo Rio Zambeze (Ibidem).

Conquanto Songo é um centro do interior localizado próximo da costa, Somaná é uma cidade litoral situada em uma zona com uma floresta de vegetação costeira de mangal com a savana arbóreo-arbustiva (Duarte 1993). Esta vegetação apresenta mosaicos e brenha que se distribui a cerca de 48% de todo o litoral Moçambicano, sendo a forma de relevo revestida por cordões litorais sobrepostos por dunas recentes (Duarte 1987). Somaná está em uma pequena ilha, perto da baía de Nacala, um dos melhores portos naturais do mundo. Ela testemunha as origens Swahili em Moçambique (Macamo 2003a), sendo o seu melhor exemplo estudado até aqui.

Portanto, é deste modo, que o presente trabalho pretende analisar as características geográficas do Vale do Zambeze e da Costa do Oceano Índico, de forma a perceber o seu contributo para as origens urbanas em Moçambique AD. Ao longo do presente trabalho serão apresentados os

elementos e os factores geográficos que impulsionaram o surgimento dos primeiros estabelecimentos urbanos em Moçambique, ou antigos centros urbanos.

Assim sendo, estes centros são originalmente das Comunidades falantes de língua Bantu, que começaram a desenvolver e adoptaram um estilo de vida urbano, com a prática do comércio a longa distância, criação do gado em grande escala. Os factores externos do comércio habilitaram estas comunidades a optarem por um estilo de vida mais desenvolvido e com a capacidade de construir as suas cidades amuralhadas quase em toda região de Moçambique.

Neste trabalho, foram seleccionados dois centros urbanos, nomeadamente: um no interior e outro na costa, no interior foi escolhido o centro urbano de Songo e no litoral foi seleccionada a cidade de Somaná, datados do século XVIII e dos séculos XIII-XIV, respectivamente.

1.1. OBJECTO DE ESTUDO

Songo é um amuralhado da tradição Zimbabwe-Khami com pedras sobrepostas formando uma pequena plataforma artificial (Macamo 2006). Devido à sua localização na posição central do planalto, rodeada de montanhas e outros recursos naturais, Songo contribuiu para a formação de uma paisagem cultural peculiar, próxima da área drenada pelo Rio Zambeze. A sua localização ao longo do Rio Zambeze é objecto de estudo neste trabalho. No litoral da província de Nampula, especificamente na zona costeira, encontramos a cidade de Somaná, que é um monumento que representa a arquitectura clássica Swahili mais antiga de Moçambique (Duarte 1993).

O presente trabalho, tem como objecto analisar as características geográficas das origens urbanas, no interior e na costa, em Moçambique, sendo os exemplos escolhidos, Songo e Somaná, respectivamente. O estudo vai apresentar as relações que estas regiões desempenharam no decurso das origens urbanas em Moçambique AD.

1.2. PROBLEMATIZAÇÃO

As investigações arqueológicas realizadas em Moçambique após a Independência Nacional, constituíram o início de um processo de investigação científica sistemática que decorreu até ao momento presente, tornando assim possível uma visão significativa sobre o passado pré-colonial no que diz respeito à Idade do Ferro Superior em Moçambique AD. Assim sendo, foi nesse contexto que começam a surgir as primeiras discussões relativas às definições das principais tradições cerâmicas no contexto nacional (Duarte 1988: 57).

Entre 1977 até 1983 foram levadas a cabo as pesquisas de prospecção arqueológica, principalmente das estações da Idade do Ferro, considerando a sua importância para o conhecimento do passado recente e a extrema deficiência de informações sobre este período. Foram registadas estações arqueológicas em diferentes contextos geológicos, quer nas regiões do interior assim como na costa. As colecções preliminares de achados arqueológicos foram recolhidas, de modo a se conseguir uma primeira definição das principais tradições da Idade do Ferro (Duarte 1988; Macamo e Ekblom 2005).

Na região do vale do Zambeze foi realizada uma expedição arqueológica durante a 2ª campanha em 1972, onde foi possível identificar dois recintos quadrangulares, situados no mesmo interflúvio da actual vila de Zumbo. A descoberta da cerâmica chinesa nesta região foi de grande importância para o estudo da problemática sobre a penetração portuguesa no interior de África, considerando que a região do vale do Zambeze, era utilizada como uma das vias mais importantes de acesso ao mar, estabelecendo a ligação entre o interior e a costa. Esta via era também de contactos comerciais.

Deste modo, a problemática do presente trabalho, resume-se em analisar *até que ponto a região do Vale do Zambeze e a Costa do Oceano Índico, contribuíram para as origens urbanas em Moçambique?*

Esta abordagem, visa integrar os centros urbanos de Songo e Somaná nos respectivos contextos geográficos, do interior e da costa, como modelo, para interpretar as origens urbanas, em Moçambique. Esta abordagem considera o uso racional dos recursos naturais existentes, para as origens urbanas, como o material de construção dos centros urbanos: o granito e a pedra de coral, no Songo e em Somaná, respectivamente. Portanto, a problemática deste estudo é como

podemos olhar para o Vale do Zambeze e para a costa, em termos do papel que desempenharam desde o final do primeiro milénio até ao final do segundo milénio AD., no desenvolvimento das origens urbanas em Moçambique AD.

1.3. OBJECTIVOS

1.3.1. Geral

- ✓ Analisar as características geográficas das origens urbanas, no interior e na costa, em Moçambique.

1.3.2. Específicos

- ✓ Caracterizar geograficamente o Vale do Zambeze e a Costa do Índico;
- ✓ Descrever as origens urbanas em Moçambique AD;
- ✓ Interpretar o centro urbano do Songo e de Somaná;
- ✓ Apresentar as relações referentes às características geográficas do Vale do Zambeze e da Costa do Índico, para o desenvolvimento das origens urbanas em Moçambique AD.

1.4. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A motivação pelo tema, surge no decurso das aulas lecionada pela Professora Solange Macamo, na disciplina de *Sociedades Complexas e o Surgimento do Urbanismo em Moçambique*. Neste decurso, interessei-me em aprofundar o tema das origens urbanas em Moçambique AD, numa perspectiva geográfica, especialmente, no interior e na costa. O meu interesse pelo interior, é de analisar o amuralhado do Songo que é considerada da Tradição Zimbabwe - Khami e na costa a Cidade Swahili de Somaná.

De ressaltar que, as Comunidades Tardias, preferiam fixar as suas habitações nas regiões elevadas que, segundo Macamo (2006), se consituíram como lugares privilegiados. Como ela justifica, este conceito pode ser utilizado para ilustrar o uso dos lugares naturais e pré-coloniais em Moçambique, em relação ao poder político, as sociedades dinâmicas e interacções ambientais e culturais. Além de serem povoamentos da elite, a criação de lugares privilegiados também definiam as relações entre as pessoas locais e o meio ambiente físico e cultural (Macamo 2006).

1.5.METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração deste trabalho comportou quatro principais etapas, nomeadamente:

1.5.1 Pesquisa bibliográfica

Esta etapa consistiu em colectar o material bibliográfico nos seguintes centros bibliotecários: DAA; BCBM e AHM. Alguns materiais foram disponibilizados pelos docentes, como textos de apoio e artigos publicados relevantes para o estudo, entre outras fontes adquiridas pelo endereço eletrónico;

1.5.2. Uso de equipamentos e aplicativos eletrónicos

Quanto à utilização de alguns equipamentos e aplicativos eletrónicos pertinentes na realização deste trabalho destaco: (1) Laptop; (1) telemóvel Android; Maverick e Inkscape para elaboração de mapas e outros elementos do trabalho;

1.5.3. Interpretação

Esta etapa visou interpretar o centro urbano do Songo e de Somaná, de forma a apresentar a relação sobre o contributo do Vale do Zambeze e da Costa do Índico, para as origens urbanas em Moçambique. Importa ainda referir que a interpretação descrita neste trabalho, foi elaborada com base na matéria apreendida durante a pesquisa bibliográfica e a compilação das aulas acompanhadas na disciplina de Sociedade Complexas e Surgimento do Urbanismo em Moçambique.

1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho comporta a seguinte estrutura:

- ✓ Introdução
- ✓ Revisão da literatura sobre o urbanismo: a Tradição Zimbabwe-Khami e a Cultura Swahili;

- ✓ Caracterização geográfica da área de estudo: o Vale do Zambeze e a Costa do Oceano Índico;
- ✓ Interpretação de Songo e de Somaná, como antigos centros urbanos;
- ✓ Perspectiva geral sobre as origens urbanas no Vale do Zambeze e na Costa do Índico
- ✓ Conclusão;
- ✓ Referências bibliográficas.

1.7. QUADRO CONCEPTUAL

No presente estudo, foram seleccionados alguns conceitos que serão apresentados ao longo do trabalho. São apresentados alguns conceitos discutidos por vários autores que, de certa forma, ajudam a compreender melhor as abordagens apresentadas. Estes conceitos basearam-se na minha reflexão sobre as características geográficas do Vale do Zambeze e da Costa do Oceano Índico para o enquadramento das origens urbanas em Moçambique AD.

➤ Amuralhado

Designa-se o conjunto de pedras sobrepostas. Geralmente as muralhas apresentam-se em forma de círculo cercando casas ou compartimentos (Macamo 2003: 13; Macamo 2006). Por vezes, o amuralhado era em forma de plataforma como é o caso de Songo, objecto deste estudo.

➤ Centros

É definido como sendo, o conjunto de espaços urbanos que englobam obras de construções modernas, monumentos e os espaços urbanos, desde o período colonial até ao presente. Estes centros, constituem espaços que de certa forma acomodam um conjunto de núcleos ou centros urbanos (Bertagnolli 2016).

➤ Centro urbano

Segundo Araújo (2003) define o centro urbano, como a área que compõe obras de arquitectura moderna sendo estas construídas, para habitação ou para qualquer outro tipo de uso. Neste caso, os centros urbanos englobam diferentes tipos de construções (Araújo 2003). Podem ser as construções em pedra, sem uso de argamassa, como o Songo e com uso de argamassa, como Somaná.

➤ **Cidade**

É o lugar privilegiado destinado para a reprodução das relações de produção em seu âmbito político, econômico e social. A cidade ela é produto, condição e meio para que esse processo aconteça. A cidade divide, mas, ao mesmo tempo, une os lugares, que se entrelaçam no contexto da produção e reprodução (Paidovani 1990: 1).

➤ **Espaço urbano**

É uma produção humana, envolvendo diferentes agentes que o constroem de acordo com os seus interesses, sendo por isso, a produção final, a vontade dos actores hegemónicos. Mesmo sendo um reflexo da vontade dos actores dominantes, é preciso destacar que o mesmo incorpora as acções, práticas e desejos das minorias, que encontram estratégias de reproduzirem, de acordo com a realidade existentes e a partir de lutas, a sua própria cidade, ou seja, um lugar que acomode os seus interesses (Araújo 1997).

➤ **Monumento**

São construções e estruturas arqueológicas; construções de outras obras representativas de sociedades pré-coloniais, tais como, ruínas Swahili e Zimbábue, edifícios de valor histórico que testemunham a convivência no nosso espaço territorial de diferentes culturas e civilizações (UNESCO 1972; Lei 10/88, de 22 de Dezembro; Resolução nº 12/2010, de 2 de Junho).

➤ **Ruína**

É definido para designar castelos e restos da arquitectura humana, estruturas que antes eram um todo, mas que foram parcialmente ou completamente destruídas por falta de manutenção ou por actos deliberados de destruição. Os desastres naturais, guerras e despovoamento, são as causas mais comuns que arruinam edifícios (Perpinya 2014). Em arqueologia, ruínas são assim chamadas porque já não possuem a sua função original, ou, talvez, não se justifica que voltem a ter a sua função original (Summers citado por Macamo 2003b).

➤ **Urbanismo**

É definido como um conjunto de qualidades que certos povoamentos vastos e compactos possuem e que em determinado momento representam a continuidade do movimento da

população. Os pontos de intersecção, nos modelos de povoamento, caracterizam formas distintas de vida considerada como sendo urbana (Smith 1972 citado por Macamo 2013).

Estas formas começaram a aparecer na hierarquia dos povoamentos há alguns 5 mil anos atrás, no decurso da transformação de grupos relativamente igualitários em grupos socialmente estratificados, organizados politicamente, na base de sociedades de um território (Ibidem).

2. REVISÃO DA LITERATURA

Numa abordagem contextualizada, neste capítulo, apresento a revisão da literatura referente à tradição Zimbabwe-Khami e à Cultural Swahili, em Moçambique.

2.1. Breve historial sobre a pesquisa arqueológica da Tradição Zimbabwe-Khami

O período colonial em Moçambique é marcado por prospecções, pequenas escavações e trabalhos mais descritivos que iniciaram com a Missão Antropológica em Moçambique na década de 1936, por Santos Júnior. Esta missão tinha como objectivo fazer o reconhecimento científico antropológico de Moçambique; compreender os aspectos exóticos dos povos africanos. Mais tarde estes estudos contribuíram para a localização de algumas estações arqueológicas no sul, centro e norte do país (Meneses 1988: 6 ; Rodrigues 1998: 257).

Em 1937, Santos Júnior fez uso das tradições orais de forma a descrever o amuralhado de pedra seca, da tradição Zimbabwe-Khami no Songo. Em 1941 ele registou a primeira estação arqueológica da Idade de Pedra de Marissa localizada na Província de Tete onde foram descritos alguns instrumentos líticos, provavelmente, pertencentes à cultura Wilton. Estas pesquisas permitiram que desenvolvesse o primeiro mapa pré-histórico de Moçambique, que apresentou todas as estações arqueológicas identificadas no país, principalmente as estações da Idade da Pedra em 1946. De entre os trabalhos publicados, durante a Missão Antropológica, destacam-se os da autoria de Santos Júnior intitulado “Contribuição para o estudo da Idade da Pedra em Moçambique: *A estação Lítica de Marissa-Tete*” e “*On the prehistory of Mozambique*” (Meneses 1988: 6), onde o Songo é, por ele, descrito.

A primeira referência arqueológica sobre a existência de construções em pedra dada por algumas fontes portuguesas do século XVI tem a sua origem nos relatos dos autores britânicos (DAA-UEM 1980; Macamo 2006), especialmente Hall e Neal (Macamo 2006: 125). Estes locais foram mais tarde escavados por Wieschhoff no final de 1929 (Ibidem). Neste período, grande parte dos estudos realizados no Grande Zimbabwe apontavam para os povos provenientes do exterior de África como sendo os construtores dos amuralhados (Caton-Thompson 1931; Macamo 2006). Anos depois, a investigação arqueológica no amuralhado de Zimbabwe avançaram progressivamente com o trabalho de Caton-Thompson (Macamo 2006: 125).

A partir das escavações realizadas no Grande Zimbabwe e noutras estações similares, Thompson observou que as construções em pedra, eram originalmente dos africanos (Thompson 1931: 7), e confirmou assim a hipótese inicialmente defendida por Randel-Maclver em 1905 (Ndoro 1997; Hall & Steffoff 2006). No entanto, esta descoberta divergia com a visão eurocentrista defendida por alguns estudiosos da época, segundo a qual, os africanos eram incapazes de construir os amuralhados (Macamo 2006; Hall & Steffoff 2006).

Mais tarde, Barradas (1972: 47), no seu trabalho sobre “os construtores dos Zimbabuê” argumenta que seria improvável que os africanos tenham-se engajado na construção dos amuralhados, uma vez que os mesmos estavam habituados a viver em casas de palha. Ele acrescentou que os africanos também não tinham preparação escolar para efectuar a construção de casas em pedra bastante sofisticadas, tal como é o caso dos amuralhados Zimbabwe (Barradas 1972: 47). Actualmente, estas justificativas já não tem sido levadas em conta por parte de vários investigadores. Roza de Oliveira confirmou categoricamente que os construtores dos amuralhados identificados em Moçambique, foram os próprios africanos (Oliveira 1973: 56).

Paul Sinclair determinou a extensão geográfica da Tradição Zimbabwe baseando-se nos estudos realizados em Moçambique e no planalto do Zimbabwe (Sinclair 1987: 63). Ao nível de toda a região da África Austral, a distribuição geográfica dos recintos amuralhados foi inicialmente determinada a partir dos estudos realizados no Grande Zimbabwe (Summers 1971 citado por Macamo 2006: 104).

Estima-se que existem mais de 150 estações arqueológicas com construções em pedra pertencem à Tradição Zimbabwe-Khami, conhecidas em Moçambique no Zimbabwe, no Leste do Botswana e na África do Sul (Sinclair 1987: 63). Acredita-se também que há probabilidade da existência deste amuralhado em Angola (Everdosa 1980 citado por Macamo 2006: 104). Garlake (1970 citado por Sinclair 1987: 63) ressalva que mais de 50 amuralhados teriam sido destruídos só na República do Zimbabwe (Ibidem).

Contudo, em Moçambique são melhor conhecidos os amuralhados de Niamara, Songo e Manyikeni. Outros amuralhados de Moçambique identificados na Província de Manica são de datação e estilo arquitectónico incertos (Sinclair 1987; Adamowicz 2003; Macamo 2006).

De acordo com Macamo (2011: 1) a presença de um maior ou menor número de amuralhados em cada lugar, dependia da abundância e qualidade do material de construção. O exemplo específico, é a presença de granito que garantia melhor qualidade de construção. Assim sendo, nem todos os amuralhados da Tradição Zimbabwe foram construídas de granito (Sinclair 1985: 65) como por exemplo, Niamara onde foi usado o Xisto e Manyikeni, o calcário na Província de Manica e Inhambane, respectivamente (Macamo 2011). Outra característica geográfica da Tradição Zimbabwe, é a preferência pelas zonas perto dos vales dos rios, pois uma das suas bases económicas consistia na domesticação do gado e na agricultura (Macamo 2011).

Deste feita, todo este esforço dos investigadores que realizaram pesquisas sobre a Tradição Zimbabwe-Khami, contribuíram de forma significativa na medida em que alguns levantavam problemas e defendiam de uma forma preconceituosa a sua origem. Mais tarde outros investigadores dedicaram-se de forma a re interpretar as constatações anteriores e preliminares, para a compreensão da Tradição Zimbabwe-Khami. O exemplo específico é a arqueóloga, Solange Macamo (DAA-UEM) que prosseguiu com os trabalhos sistemáticos na região do Vale do Zambeze sobre a Tradição Zimbabwe-Khami. Ela efectuou trabalhos arqueológicos no ano de 2006, tendo estudo os centros urbanos de Manyikeni, Degue-Mufa, Niamara, Songo entre outros. Devido à sua localização e através dos recursos que circundam estes centros, (Macamo 2006) apelidou-os de lugares privilegiados.

2.2. Pesquisas arqueológicas sobre a Cultura Swahili

Os primeiros estudos na região norte de Moçambique começaram com Wayland (1915), na província de Nampula, no distrito de Monapo, onde evidenciou artefactos da Idade da Pedra, perto do Rio Monapo (Meneses 1988).

Em 1940, iniciaram os trabalhos da Missão Antropológica de Moçambique de Santos Júnior (1941) e de Amaro de Monteiro por volta de 1960. Soares de Castro (1961) publica “a pré-história de entre Ligonha e Rovuma”, obra publicada no Boletim do Museu de Nampula, em 1961. Nesta região, Soares de Castro também investigou as pinturas rupestres de Campote no distrito de Amaramba. Estas pinturas representam um monólito de grandes dimensões, com sinais esquemáticos de difícil interpretação, uns rabiscados, outros desenhados, provavelmente com auxílio dos dedos a vermelho e laranja. Oliveira (1971: 60), no mesmo ano, e o francês

François Balsan descobrem as pinturas rupestres do monte Malembué, Lussembagué e Lua, as quais foram publicadas no seu livro “Terras virgens em Moçambique” e no trabalho “*Les Yao de la Zone Inexploree du Nord-Mozambique*”, no Boletim da Sociedade de Etnografia de Paris em 1962 (Meneses 1988).

Enquanto os trabalhos arqueológicos vinham sendo realizados nesta região, o projecto Moçambique e a História do Oceano Índico realizado na década dos anos 1980 teve como objectivo apresentar uma primeira visão das estações arqueológicas Swahili na região costeira do país, assim como outras estações arqueológicas importantes para o estudo dos primeiros contactos comerciais desenvolvidos com outros povos da região do Costeira do Oceano Índico. Este assunto tem especial interesse dado que não tem existido muita investigação sobre a cultura Swahili no contexto da história de Moçambique. O projecto iniciado em 1983 durou cinco anos em que os trabalhos de investigação foram realizados. Nesta região, foram registradas importantes ruínas Swahili como a fortaleza de Somaná, a aldeia de Pangane e as ruínas da Ilha Quisiva, todas localizadas na costa norte de Moçambique. Estas ruínas evidenciam a arquitectura monumental e elaborada, semelhante à que foi encontrada em estações como Gedi, Manda e outras nas costas da Tanzania, Quénia e Somália (Duarte 1988: 64).

Até então pouco trabalho foi realizado em relação à arqueologia da costa no norte de Moçambique. Os trabalho de pesquisa e algumas escavações preliminares feitos por Amaro Monteiro constituem uma importante contribuição publicada num artigo da revista Monumenta (Monteiro 1966). Nas suas pesquisas, Monteiro apresenta uma descrição geral das Ilhas Quisivas, Ruínas de M'buesi e Quiwia, resumindo pequenas escavações realizadas no último sítio (Duarte 1988).

Pierre de Verin (1970), realizou pesquisas sobre este assunto, mostrando a importância do estudo de sítios como Matemo, Quisiva, Angoche, Cabaceira e Sofala, para o estabelecimento de correlações com sítios já estudados mais para o norte, como Kilwa, e os do noroeste de Madagáscar. O autor salienta haver pontos em comum com os sítios já estudados (Verin 1970).

De salientar que as pesquisas arqueológicas sistemáticas realizadas na zona norte aconteceram após a independência de Moçambique. Em 1978 uma equipe da Universidade Eduardo Mondlane, composta por Paul Sinclair e Teresa Cruz e Silva realizaram levantamentos e

escavações na província de Nampula em torno da cidade de Nampula e perto da Ilha Moçambique. Uma pesquisa adicional foi realizada na província de Cabo Delgado (Sinclair 1985). Os trabalhos de prospecção e escavações arqueológicas realizados por Ricardo Teixeira Duarte, a partir de 1976, obtiveram resultados que foram apresentados na obra “*Northern in Mozambique in the Swahili World*”. Leonardo Adamowicz (1987), efectuou trabalhos subsequentes sobre as origens das comunidades agrícolas e o estudo dos padrões de povoamento que constituíram uma importante ampliação no âmbito do trabalho sistemático de levantamento e escavações arqueológicas na província de Nampula (Duarte 1993).

Sinclair (1985) foi o primeiro arqueólogo a fazer um trabalho de prospecção arqueológica sistematizado no norte de Moçambique, cujo resultado foi publicado no livro “Reconhecimento Arqueológico do Norte de Moçambique”. Durante os trabalhos de pesquisa, foi localizada a estação arqueológica de Murecane, a primeira da Idade do Ferro Inicial a ser descrita na região Setentrional de Moçambique. Sinclair efectuou ainda uma abordagem referente às tradições da olaria da região Norte de Moçambique (Duarte 1988: 63).

Leonardo Adamowicz (1980, 1987,1994) no âmbito do projecto “CIPRIANA”, continuou com os trabalhos arqueológicos, tendo feito pesquisas intensivas na província de Nampula que culminaram com a identificação de várias estações arqueológicas como: 9 abrigos rochosos com pinturas rupestres, depósitos da Idade da Pedra e Primeiras Comunidades Agro-pecuárias; estações nos vales dos rios e colinas; 27 estações ao longo da costa; 23 estações com depósitos da Idade da Pedra e 73 estações com datações que vão desde a Idade de Ferro Inferior até à Idade do Ferro Superior (Duarte 1988).

Recentemente, Hilário Madiquida (2007) efectuou pesquisas arqueológicas na província de Cabo Delgado com o objectivo de continuar os estudos anteriores feitos por Sinclair (1985), como forma de entender a origem e o desenvolvimento das primeiras comunidades agrícolas na costa e os centros urbanos Swahili, em particular. O objectivo do seu estudo era a produção de informação sobre a história da área integrada dentro da grande região de Cabo Delgado. As pesquisas por ele efectuadas incidiram concretamente na estação de Quissanga Praia, tendo indicado esta zona como a mais antiga com as evidências da ocupação Árabe e Swahili na costa de Moçambique. De salientar que a investigação arqueológica realizada na zona norte tem sido desenvolvida através de dois projectos que se sucederam: Contribuição para um Reconhecimento

Arqueológico Entre-Os-Rios Lúrio e Ligonha sob a direcção do arqueólogo Leonardo Adamowicz e “Moçambique e a História do Oceano Índico” sob a direcção de Ricardo Teixeira Duarte (Duarte 1988: 63).

Duarte (1988) salienta que duas tradições da Idade do Ferro Inicial podem ser referenciadas: uma na costa, que o autor designa por “tradição Monapo” a outra no interior, que Adamowicz designa por tradição Nampula. “O modo de produção da Idade do Ferro Inicial, “de repente” e crescentemente aparece em numerosas estações Entre-Os-Rios Lúrio e Ligonha e grandes tradições industria-rural interconectadas foram estabelecidas (Nampula e Monapo, com a mesma variação no contexto de tradição para tradição) (Adamowicz 1987: 77 citado por Duarte 1988: 63).

Madiquida (2007), realizou pesquisas arqueológicas na costa de Moçambique e compreendeu que houve fusão de vários grupos étnicos ao longo da Costa Oriental, que se fixaram nas zonas costeiras. Nas suas pesquisas, ele compreendeu que os estudos da arqueologia Swahili, mostram, sem dúvida, que os grupos costeiros, foram uma Comunidade de Pastores e Agricultores que praticavam o comércio ao longo da costa. O desenvolvimento destas pequenas Comunidades culminou com a construção de cidades e entrepostos comerciais tal como atestam alguns monumentos Swahili em Moçambique (Macamo 2003a; Macamo 2006; Madiquida 2007: 47-53).

Entretanto, um dos aspectos relevantes a ser analisada geograficamente na região costeira do Oceano Índico assim como na região do Vale do Zambeze, é que estas duas regiões estiveram ligadas desde séculos muito recuado e contribuíram de forma directa, seja através dos elementos naturais, assim como de vias de comunicação para a comercialização de produtos exportados e importados. Assim sendo, estas regiões não só contribuíram nestes aspectos mas também, no estabelecimento dos primeiros centros urbanos, para as suas habitações. Consequentemente, estas regiões serviram para controlar melhor as mercadorias e os recursos que existiam ao seu meio.

2.3. Breve historial sobre as origens urbanas em Moçambique AD

As Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores (PCAP) estiveram estabelecidas na região da África Austral e Oriental desde pelo menos os anos 50 a.C. (Hall 1987). Estas comunidades foram caracterizadas pelo fabrico de cerâmica, criação de gado, cultivo de plantas, o uso do ferro e sua fixação em aldeias permanentes (Phillipson 2002: 187-189, 2005: 249). Consequentemente deu-se início à sedentarização populacional da região Austral do nosso continente.

As Comunidades de Agricultores e Pastores conhecidos como povos falantes de língua Bantu, começaram a migrar por volta do século I-III AD, onde ultrapassaram o rio Rovuma em direcção a Maputo. Cem anos mais tarde chegaram à região de Manica, no início no I milénio AD. Nesse tempo, os antepassados dos Bantu viviam nas zonas compreendidas Entre-Os-Rios Ubangui e Chari, na África Ocidental. Estas comunidades alimentavam-se, principalmente, da recollecção e da caça, mas já conheciam a agricultura e a criação de gado (História de Moçambique 1978: 4).

As causas que levaram estas comunidades a desenvolver-se e a ter que procurar novas terras para a sua sobrevivência, têm levantado vários debates sobre as suas organizações sociais. Compreender como estas comunidades estavam organizadas e produziam, a técnica de trabalho do ferro e sua expansão, constitui um factor decisivo de desenvolvimento económico, político e social. A utilização de instrumentos de ferro na produção, levou ao aparecimento de excedentes que permitiram o início de trocas entre os vários povos falantes de línguas Bantu e, gradualmente, ao surgimento de uma classe dominante que enriquece graças à criação do gado, em grande escala (História de Moçambique 1978: 5; Macamo 2009a).

Numa visão Marxista-Leninista, a sociedade dividiu-se em duas classes sociais: os explorados e os exploradores (Ver Macamo 2006, citando Bloch 1984). Na História de África, os povos falantes de línguas Bantu foram-se organizando em sociedades de exploração, em Estados. A manutenção dos interesses dos exploradores, os chefes das tribos e clã, sobre a grande maioria da população, os produtores, exigia esse tipo de organização política, económica e social cuja finalidade é a defesa e a manutenção do poder da classe dominante (História de Moçambique 1978: 5).

2.4.Origens urbanas em Moçambique AD

Segundo Maia (2015), houve uma movimentação de homens e mercadorias que ocorreu no sentido norte-sul, para a realização de várias trocas comerciais que ocorreram na África. Estes mercadores vinham através do rio Nilo até aos Grandes Lagos e daí desciam até ao rio Zambeze, pela bacia hidrográfica. Contudo, com a chegada dos árabes, a dinâmica do comércio mudou drasticamente no sentido da circulação que deixou de ser continental para passar a ser marítima. As mercadorias eram feitas no interior e levadas para a costa do Oceano Índico, descendo os rios Zambeze e Save (Capela 2002: 234-236 citando por Maia 2015: 39).

Antes da emergência de estabelecimentos permanentes das Comunidades Agrícolas, a costa Oriental Africana foi ocupada por Comunidades de Pastores praticantes da transumância (migração periódica) (Madiquida 2007: 14). Estas comunidades saíram do interior para a costa no final do Holoceno, como caçadores-recolectores de frutos e cereais selvagens (Ibidem). Segundo Chami (1994), houve um desenvolvimento gradual desde as Comunidades de Agricultores e Pastores para as Comunidades Tardias de comércio ao longo da costa, como também uma forte ligação entre as comunidades do interior e da costa.

Sheriff (1980: 610), afirma que as evidências arqueológicas indicam uma infiltração rápida a partir do interior para a região costeira das comunidades que utilizavam o ferro, provavelmente, que eram falantes de línguas Bantu, durante o primeiro milénio AD. Mas não existe um padrão satisfatório da economia dessas Comunidades na Costa Oriental antes do estabelecimento das ligações comerciais a longa distância. Entretanto, os primeiros centros urbanos começam a formar-se antes do fim do primeiro milénio AD., na bacia do rio Congo. De entre eles destacam-se os seguintes: Estados Luba, Congo e Lozi. Os Estados do Zimbabwe e do Mutapa, surgem por volta do século X ad, incluindo as suas organizações políticas e padrões de desenvolvimento. O Estado Zimbabwe começa a desenvolver-se no planalto do Zimbabwe e regiões circunvizinhas cerca do ano 1000 AD e atingiu o seu maior desenvolvimento a partir do ano 1200 AD. Nesta altura foi também construído o centro urbano de Manyikeni, em Moçambique, que existiu entre os séculos XIII a XVIII AD (Macamo 2009b).

Através da exploração da actividade produtiva da população, a classe dirigente do Estado Zimbabwe tornava-se cada vez mais rica. Havia troca de ouro e de outros metais, bem como do marfim e de peles de animais com os comerciantes árabes, que entretanto, se tinham fixado nas

regiões costeiras. Em troca obtinham bens que apenas serviam para o seu prestígio, tais como: tecidos, missangas coloridas, objectos de vidro e porcelana (História de Moçambique 1978).

Deste modo, a prática de comércio foi um dos factores importantes para o rápido desenvolvimento dos Estados Africanos. Aproximadamente no ano 1.200 AD, devido ao grande número de pessoas e gado existentes no Estado de Zimbabwe, a capacidade da terra para a prática da agricultura e pastagens do gado tornou-se insuficiente. As populações que ali habitavam, tiveram necessidade de se deslocar para outras áreas. Nessa altura, começa a diminuir a prática do comércio com os árabes da costa que, no entanto, tinham iniciado contactos e trocas com outras populações. A escassez de alguns recursos como o sal, marcou o início da decadência do Grande Zimbabwe (Solange Macamo em comunicação pessoal). Mais adiante surgem as muralhas de Khami, a cerca de 250 quilómetros para oeste, com a formação do centro do novo Estado de Torwa (História de Moçambique 1978: 6).

Ao mesmo tempo, mais ao norte do planalto, junto ao vale do Zambeze surgiu e desenvolveu-se o Estado de Mutapa. Uma longa série de dinastias (séries de reis, filhos uns dos outros) dirigiu o Estado Mutapa desde cerca de 1425 até 1884. A primeira destas dinastias foi a dos Mutota. A capital do Estado, neste primeiro período, foi provavelmente Zwangembe, a povoação mais pequena que o centro de Khami, capital de Torwa. Depois da morte de Mutota sucedeu-lhe o seu filho Matope. Este dedicou-se a aumentar o território que lhe fora legado por seu pai. Criou uma federação de Estados como Barué, Manica, Danda, Chedima e Teve, todos em Moçambique, que eram obrigados a pagar-lhe tributo. Cerca do ano 1500 AD, com o enfraquecimento do poder central, estas regiões separaram-se do Mutapa, transformando-se em Estados independentes. Foram alguns destes Estados os primeiros a entrar em contacto com os portugueses que, desde 1505, tinham-se estabelecido em Sofala (História de Moçambique 1987: 7).

Em Massingir, no rio dos Elefantes perto da fronteira e com a África do Sul, foram encontradas missangas de vidro, e na estação costeira de Chibuene, perto de Vilanculos foram encontradas entre outros achados, taças de loiça vidrada de origem Persa. Estes factos chamaram a atenção para o desenvolvimento de uma economia mercantil e os seus efeitos nas transformações políticas que estiveram ligadas às sociedades mais centralizadas, das quais encontramos hoje vestígios sob a forma de cidades amuralhadas (Duarte 1988: 67).

As cidades Swahili, e as construções em pedra designadas de Zimbabwe, ambas encontram-se bem representadas no nosso país. Uma destas construções é o referido centro urbano de Manyikeni, o Zimbabwe mais a Sul da costa e o Zimbabwe do Songo que se encontra no Vale do Zambeze e a muralha de Somaná na baía de Nacala e assim em diante (Macamo 2006). Alocalização destes centros, indica claramente as suas ligações com a importante actividade comercial das sociedades da época ao longo da região do Vale e da Costa (Duarte 1988: 68).

Macamo (2006) ressalva que as construções em pedra em Moçambique, são resultado do percurso de desenvolvimento económico e social das Comunidades de Agricultores e Pastores, principalmente durante o II milénio AD. Este percurso manifestou-se pela prática da pastorícia em grande escala e pelo crescimento do comércio a longa distancia, que por sua vez, estimulou as origens urbanas em forma de amuralhado do tipo Zimbabwe no interior, e das cidades Swahili no litoral de Moçambique (Macamo 2021).

Enquanto os centros urbanos no interior se encontram no cimo dos montes, no litoral as cidades foram construídas na costa, próximo dos mares como atestam algumas cidades Swahili, tais como, Somana, Gomene, Quisiva, Pangane, entre outras. Todavia, importa ressaltar, que o surgimento destes centros em Moçambique começou, provavelmente, por volta dos séculos XI-XVIII AD (Duarte 1993).

Os estudos mais recentes realizados por Macamo (2006), sobre as sociedades pré-coloniais que incorporam os centros urbanos da região sul e centro do país, incorporam alguns elementos, consoante os lugares onde estes centros foram erguidos. Por exemplo: no interior os centros foram construídos no cimo dos montes e em alguns casos, próximo da costa (onde havia presença de recursos) para instalação de suas habitações (Ibidem).

Esta revisão bibliográfica permitiu perceber o percuso que conduziu à formação dos lugares centrais, em Moçambique, de acordo com a localização geográfica, no interior e na costa.

3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

No presente capítulo, faço uma breve descrição físico-geográfica do Vale do Zambeze, na região centro de Moçambique, com especial destaque para a província de Tete, no distrito de Cahora Bassa, onde se localiza o antigo centro urbano de Songo. De seguida faço a mesma descrição em relação à zona do litoral do Índico, mais concretamente na Província de Nampula, no Distrito de Nacala-a-Velha, onde se localiza o antigo centro urbano de Somaná.

3.1. Breve descrição do Vale do Zambeze

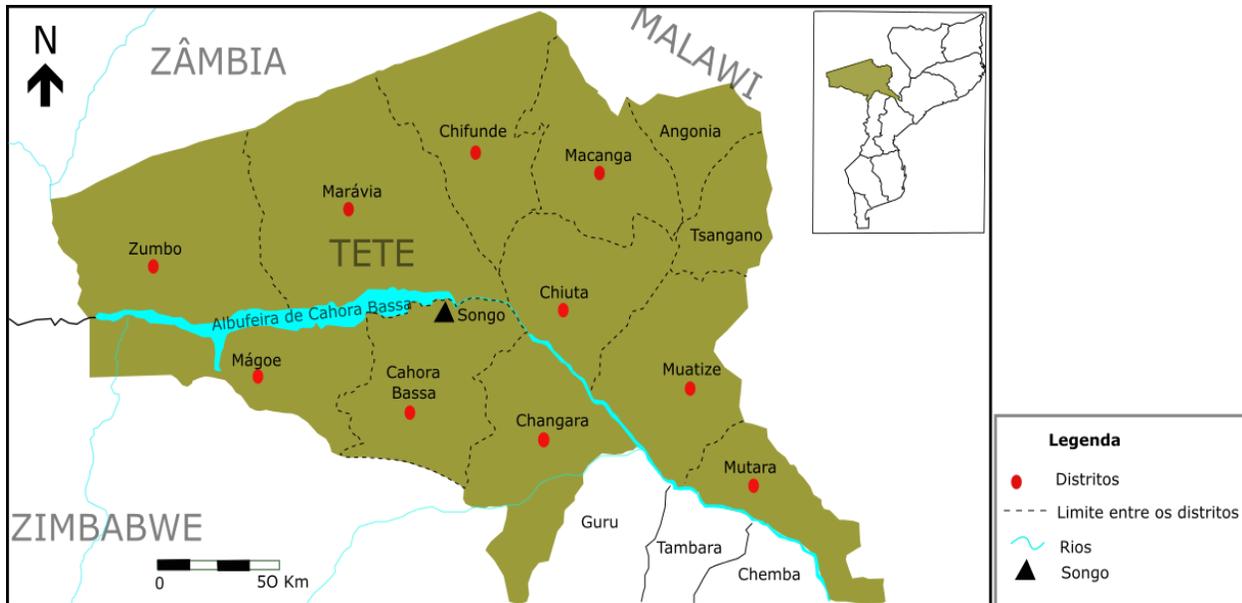
De acordo com (Mungói 2011: 2), a região centro de Moçambique localiza-se principalmente no vale do Zambeze, ela é atravessada transversalmente pelo rio Zambeze, que tem como nascente o planalto central da Zâmbia e desagua no Oceano Índico. Ele acrescenta que, em território nacional, a zona centro de Moçambique ocupa uma área de 225.5000 km² (cerca de 27,7% da superfície do país).

O vale do Zambeze é uma autêntica zona de contactos interculturais, colisões culturais e um campo onde a situação colonial se impôs. Devido aos vários contactos a que ficou sujeita e condicionada, existem diversas abordagens sobre as tentativas de sistematizar e classificar os povos que actualmente habitavam o Vale do Zambeze. Os contactos com o mundo exterior causaram mudanças estruturais profundas na estrutura social dos povos do Vale do Zambeze. Estas estruturas sociais são definidas como toda a rede de relações sociais existentes numa sociedade e em determinado período de tempo (Oliveira 1976: 17 citado por Maia 2015: 34).

Deste feita, a caracterização geográfica adiante descrita, visa contextualizar os elementos que impulsionaram as origens urbanas no interior de Moçambique, com especial alcance o centro urbano de Songo.

3.1.1. Localização

O centro urbano do Songo localiza-se no distrito de Cahora Bassa, na província de Tete com as seguintes coordenadas geográficas: 15°36' 59" S & 32°46' 50" E. O seu código é 1532 Db1. Este centro encontra-se num afloramento granítico numa distância de 130 km a noroeste da cidade de Tete e entre 10-12 km, a sul do rio Zambeze (Macamo 2006: 183).



Mapa 1. Ilustração geográfica do Songo (Elaborado por: Hamido Atuia 2021)

3.1.2. Clima

O clima predominante na região do Vale do Zambeze é seco de estepe com inverno seco, que por vezes pode alterar localmente pela altitude, com duas estações distintas: estação chuvosa (muito curta) e a seca (muito longa). A precipitação média anual desta região é de 635 mm, enquanto a evaporação potencial média anual é de 1.623 mm (MAE 2014: 1).

Uma das maiores quedas da pluviosidade ocorre sobretudo no período de Dezembro a Fevereiro, variando significativamente na quantidade e distribuição da chuva, seja durante o ano, assim como de ano para ano. A temperatura média anual está na ordem dos 26.1°C. As médias anuais máximas são de 34.1°C e mínima de 18.1°C. A temperatura elevada agrava consideravelmente as condições de fraca precipitação nestas regiões, provocando insuficiências de água para o crescimento das plantas (Ibidem).

3.1.3. Solos

Os solos do vale do Zambeze, onde está o Songo diferenciam-se pela cor e textura segundo a topografia. Os solo ao redor do centro são baixos e cinzentos, ricos em matéria orgânica, húmidos de textura ligeira e fraca estrutura, seguindo-se com o aumento de declive os solos

amarelos, laranja ou alaranjados e finalmente vermelhos progressivamente com melhor textura e melhor estruturados (MAE 2014: 4).

Os solos acinzentados de fraca aptidão agrícola, ocorrem na zona plano-côncava, como consequência de uma má drenagem natural. Os restantes agrupamentos de solos estão bem representados no planalto, embora condicionados pelo relevo, mais a ocorrência de um processo de degradação florística, ressaltando numerosos afloramentos rochosos que inicialmente estariam cobertos por solos de melhor aptidão para agricultura (Ibidem). Entretanto, na zona do planalto de relevo suave devem ter maior representação os solos amarelos e laranja de relativamente boa aptidão agrícola, estando os solos amarelos e avermelhados de melhor aptidão agrícola confinados às vertentes de declive médio (MAE 2014: 4).

3.1.4. Vegetação

No sítio onde se localiza Songo, o tipo de vegetação é de floresta aberta e de savana com predominância de espécies dos seguintes géneros: árvore de várias espécies com frutos comestíveis), *Julbernadia* (árvore de média estatura) e *Uapaca* (árvore que dá frutos), entre outros. A espécie *Colophorpermum mopone* e várias espécies herbáceas proporcionaram a pastorícia de caprinos e ovinos (Goncalves 1978,1979, citado por Rodrigues 2009: 24). Embora os recursos do vale sejam limitados, a presença da população cuja base económica é a agricultura e pecuária de subsistência, provocou a degradação do meio, facto que se reflecte pela pobreza da cobertura vegetal existente e pelos sinais evidentes de erosão que se verificam em diversos locais, como nos leitos e ribeiros e na zona central do planalto. Deste modo, as zonas baixas que se formam ao longo da margem esquerda do rio Guto e as más condições de drenagem natural determinam a formação de um estrado gramíneo com poucas espécies arbustivas ou arbóreas (MAE 2014: 3).

Em geral, dadas as descrições feitas nos capítulos anteriores, sobre o ambiente geográfico do Vale do Zambeze, é possível caracterizar o centro urbano de Songo, no contexto das origens urbanas no interior de Moçambique AD.

3.2. Breve descrição geográfica da Costa do Índico

A Costa Oriental Africana liga-se com o interior em regiões férteis e ricas com extensos rios, com variada fauna, incluindo o elefante, o rinoceronte, antílopes e toda uma grande variedade de animais bravios e jazidas de minerais, destacando-se as de ferro, ouro, prata e cobre. Todas estas riquezas têm atraído comerciantes das mais diversas origens (Duarte 1987: 6). Estes movimentos, confronto de economias, diversidades e contactos de povos vindos de diversas partes do mundo, possibilitaram a formação daquilo que hoje designamos nações desta parte do mundo (Duarte 1987: 6).

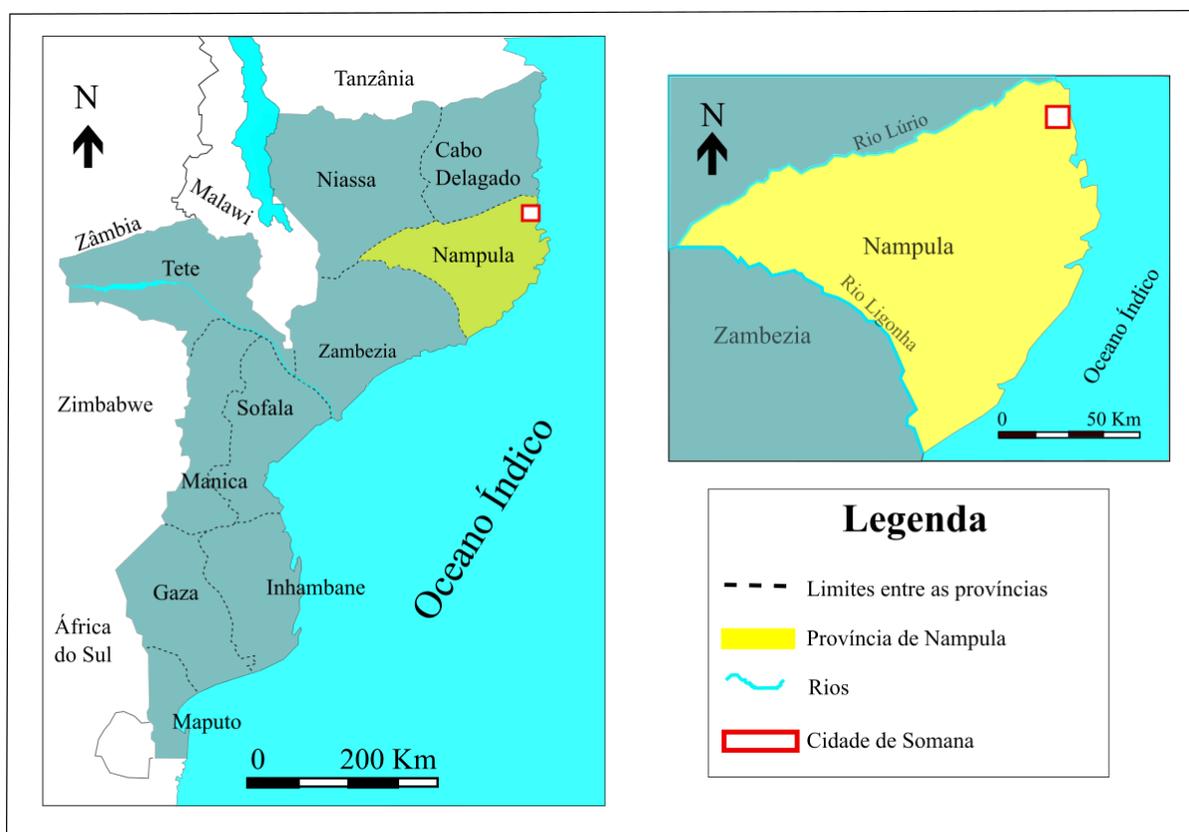
De acordo com Muchangos (1999), a região norte de Moçambique está situada na zona que abrange toda a área compreendida entre o rio Rovuma, ao norte (10° 27' sul) e a bacia do rio Zambeze, ao sul, sensivelmente, nas imediações do paralelo 18°sul, incluindo uma parte da província de Tete. A leste o limite é o Oceano Índico.

A província de Nampula, é uma região costeira mais oriental do país, pois possui na ponta Janga o ponto mais deslocado em longitude Este. A sua superfície é de 81.606 km² que representam cerca de 10.2% do total nacional. A sua capital é a cidade de Nampula, situada no planalto com o mesmo nome (Ibidem). Esta província tem uma forma triangular, sendo o limite a sul, a província de Zambézia, a norte as províncias de Cabo Delgado e Niassa. A Este o limite é realizado pelo Oceano Índico.

O distrito de Naca-a-velha situa-se no litoral da província de Nampula, a 210 km da capital, Nampula. Nacala-a-velha tem como limites, a Sul o distrito de Mossuril, a Este o Oceano Índico, a Norte o distrito de Mema e a Oeste os distritos de Erati e Monapo. Este distrito tem uma superfície de 1.169 km².

3.2.1. Localização

A cidade antiga de Somaná localizam na província de Nampula, na parte norte da Baía no distrito de Nacala-a-velha, com as seguintes coordenadas: 14° 40'44.35" E 40° 44' 42.30" S. A Ilha de Somaná localiza-se a 5 metros acima da plataforma do mar, e sofre constantemente corrosões das águas do Índico (Duarte 1993: 63).



Mapa 2. Localização da antiga Cidade de Somaná (Elaborada por: Hamido Atuia 2021)

3.2.2. Clima

A zona costeira moçambicana é caracterizada por uma diversidade de micro-ambientes, pois são dependentes das formações geológicas e de diferentes condições climáticas e pelas mudanças locais ambientais (Duarte 1993: 55). Nacala-a-velha apresenta um clima semi-húmido seco influenciado pelas monções dos ventos e pelas correntes marítimas do Sul do Oceano Índico. Os períodos chuvosos nesta região são causados pela humidade dos ventos do mar das monções do Noroeste. A estação chuvosa vai de Dezembro até Abril (MAE 2005: 2).

O clima predominante nesta região é subequatorial com temperaturas médias anuais de 24°-25 °C distribuídas segundo as zonas de influência oceânica. O clima subequatorial dominante nesta região resulta das oscilações provocadas por ventos elísios equatoriais, que no seu movimento anual provocam flutuações da zona intertropical de convergência. Esta circunstância alia-se a

influência da corrente quente de Moçambique sobre a temperatura, humidade e a pluviosidade (Micoa 1998 citado por Faqira 2015).

3.2.3. Solos

A cidade de Nampula é uma região rica em solo vermelho, castanho, escuro e cinzento. Na zona onde se encontra Somaná predominam: solos vermelhos e cinzentos o que impulsionou em parte a edificação deste centro (Adamowicz 1987: 51). Esta região é caracterizada por solos arenosos de baixa fertilidade que ocorrem nos complexos granitos quissico, sendo predominantemente amarelos a castanho-acinzentados, os solos idiomórficos de depressões e baixas ocorrem alternados com as partes de terrenos mais elevados (MAE 2005: 3; Muchangos 1999; Sinclair 1987).

O quartzo é a rocha mais predominante, a qual proporcionou matéria-prima para as indústrias da IPS (Adamowicz 1987). Muchangos (1999: 111), ressalva que no litoral, ocorrem rochas da idade mais recente, datadas do Cretáceo ao Cenozoico (eras geológicas), cuja distribuição espacial é muito complexa. A morfologia a partir do litoral aumenta a altitude de Este para Oeste com a sucessão de unidades morfológicas correspondentes aos principais ciclos de erosão que modelaram todo o continente africano ao sul do Sahara e que constituem as linhas fundamentais da diferenciação das suas paisagens e regiões (Ibidem).

3.2.4. Vegetação

A vegetação desta região é do tipo mosaico de Zanzibar-Inhambane, (como o mosaico costeiro da África Oriental), onde se verifica a abundância de mangais nos solos marinhos aluvionares. Nesta região a vegetação é modificada devido à actividade humana, fundamentalmente ligada á agricultura (Chami 1994; Kusimba 1999 citados por Madiquida 1997).

A cidade antiga de Somaná encontra-se numa zona com uma floresta de vegetação costeira de mangal com a savana arbóreo-arbustiva, que apresenta mosaicos e brenha que se distribui a cerca de 48% de todo o litoral moçambicano, sendo a forma de relevo de revestimento por cordões litorais sobrepostos com dunas recentes (Duarte 1987).

Somaná está em uma pequena ilha perto da baía de Nacala, um dos melhores portos naturais do mundo. Esta cidade antiga está inserida numa zona com belíssimas praias, que podem favorecer a prática do turismo, aliando a riqueza natural à cultural. Esta prática pode proporcionar novas

oportunidades de emprego, actuando assim como mais um suporte da economia local (Filipe 2014: 68). Nesta região, ocorrem rochas mais recentes datadas do Cretácico ao cenozóico (Holoceno) de origem marinha e continental sobretudo no terciário. Estas rochas apresentam graus diferentes de consolidação (Duarte 1987).

De referir que a região é caracterizada por planícies com rios que descem do interior para a costa, que gradualmente encontram um relevo mais dissecado com encostas declivosas, intermédias na zona subplanáltica de transição para a zona do litoral (MAE 2005: 2).

Em conclusão, apresentados estes aspectos referentes ao ambiente geográfico da Costa do Índico, em especial para a cidade antiga de Somaná, é possível compreender os elementos que a caracterizam, no contexto das origens urbanas na costa de Moçambique.

Importa referir que as regiões próximas da costa tanto no interior assim como no litoral de Moçambique, impulsionaram de forma directa o surgimento das primeiras sociedades pré-coloniais e coloniais em Moçambique. Não obstante, as fontes arqueológicas confirmam que as regiões próximas dos rios e dos vales foram preponderantes para o estabelecimento dos primeiros centros urbanos em Moçambique. Tal foi possível devido aos elementos naturais que o meio em si apresenta, em combinação com o uso das vias como pontos de contactos comerciais (Ibidem).

4. INTERPRETAÇÃO DE SONGO E DE SOMANÁ, COMO ANTIGOS CENTROS URBANOS

O presente capítulo utiliza as evidências arqueológicas para interpretar os antigos centros urbanos do Songo e de Somaná, de acordo com o seu contexto geográfico acima descrito.

4.1. Songo

O amuralhado do Songo situa-se na região sul-oriental de África, no principal sistema sismo-tectónico que atravessa o continente africano (Rifts da África Oriental), facto que tem influenciado a evolução geológica desta parte do continente. As rochas com maior expressão são as de tendência granítica, que incluem granitos com amplas características petrográficas, apresentando depósitos orientais dos minerais, por vezes francamente gnaissica (MAE 2014: 2).

A sua plataforma foi erguida numa posição central do planalto, sendo rodeada de montanhas o que contribuiu para a formação de uma paisagem cultural peculiar (Macamo 2011: 5). Os habitantes deste centro na época, teriam escolhido um lugar privilegiado dada as condições que esta parte do vale do Zambeze proporciona para a prática da agricultura e para uma fixação permanente (Macamo 2006).



Figura 1. Vista especial da Plataforma do amuralhado de Songo (Foto: Google Imagem/Search 2021)

A presença do granito nesta região de Cahora Bassa começou a formar-se entre o Pré-cambriano e início do Paleozoico e aparenta ter uma cor acastanhada devido à presença de óxido de ferro. A presença desta rocha fez com que fosse preferida para a construção do amuralhado de Songo, assim como de em outras construções vizinhas em diferentes épocas históricas (Castelo 2015: 64).

Sob o ponto de vista arquitectónico, Songo é uma construção de granito pertencente à Tradição Zimbabwe-Khami de pedras sobrepostas formando uma pequena plataforma artificial que data do séc. XVIII AD, segundo os resultados da investigação levada a cabo por Solange Macamo (Macamo 2006). Ela, adiante, descreve as características deste antigo centro urbano, o qual apresenta uma forma elíptica tendo como extensão 51,2 m de Norte a Sul, e 70,45m de Leste a Oeste. Do lado norte existe uma entrada com uma escada de 20,6m de comprimento e 7,6m de largura. Neste centro, são ainda visíveis quatro vestígios de chão maticado de *dhaka* na parte sul da plataforma. Segundo ela, no Songo há divisórias na forma de muralhas radiais, como acontece em Manyikeni. Acrescenta ainda que na plataforma superior há numerosos vestígios da ocupação humana, sobretudo objectos líticos, fragmentos de cerâmica e estruturas de habitação, os quais foram também referidos por Ramos (1980, citado por Macamo 2006).

De salientar que a construção em plataforma do amuralhado do Songo, evidência certas similaridades com as ruínas de Khami (séc. XVI e XVIII AD) (Macamo 2006). Acredita-se que provavelmente o amuralhado foi construído pela população Madema, após o declínio do Estado do Grande Zimbabwe. De acordo com Miguel Ramos (1971 , 1972) entre os dados arqueológicos recolhidos neste centro, convergem a favor de uma clara influência “Zimbabwe – Monomotapa” no Songo. No cimo da plataforma viviam os chefes e nos arredores, as populações subordinadas, o que demonstra a existência de uma hierarquia social, característica da formação dos centros urbanos. As populações Madema pertenciam ao chamado império de Monomotapa, ou seja o Estado de Mutapa (Macamob 2003: 60).

Entre 1972 e 1973 foram realizadas pesquisas arqueológicas no local pelo geólogo Miguel Ramos, que a partir de um estudo preliminar e escavações arqueológicas. Ele levantou a hipótese de que as ruínas poderiam estar associadas ao Estado Zimbabwe - Monomotapa (Ramos 1980). Na década dos anos 1980, o recinto foi visitado pela equipe do Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (SNM) liderada por Ricardo T. Duarte. A equipe do SNAM efectuou a

documentação deste amuralhado que consistiu no registo fotográfico e na sua descrição (Macamo & Duarte 1996; Macamo 2006).

Em 1995 e 2001, a estação arqueológica do Songo, como antigo centro urbano, foi novamente intervencionada e estudada, no âmbito do projecto Sida-SAREC. Os estudos realizados incidiram essencialmente nas questões referentes à tradição cerâmica, análise estratigráfica e datação do amuralhado. Estas investigações tinham em vista aprofundar o conhecimento acerca da identidade arqueológica do Songo em relação à Tradição Zimbabwe-Khami (Macamo 2006; 2011).

Segundo Ramos, Songo poderia ser uma construção relacionada com a “cultura Zimbabwe Monomotapa” (Ramos 1973; 1980). Esta constatação resulta dos estudos por ele efectuados sobre a arqueologia de salvaguarda, inseridos no quadro da implementação do projecto de construção da Barragem de Cahora Bassa (Ramos 1979, 1980).

Das escavações feitas em Songo por Solange Macamo e pelo Professor Liesegang em 1995, mostraram a necessidade da continuação dos trabalhos, para uma melhor compreensão da identidade arqueológica neste centro em relação à Tradição Zimbabwe (Macamo e Duarte 1996:24). Macamo nos seus estudos, fez a descrição arquitectónica deste centro e observou que Songo, apresenta elementos novos desconhecidos até então, que demonstram ser de maior interesse. Do lado ocidental da plataforma foi identificada uma acumulação de pedras, que teria já sido identificada por Miguel Ramos (1973, citado por Macamo 2006) mas dada a escassez de tempo, não foi possível realizar o seu estudo. Segundo Liesegang (2005 citado por Macamo 2006: 190) este local teria sido um depósito de sal, o qual teria sido queimado e vitrificado.

Para Rodrigues (2009: 209), a construção do Songo num lugar bem definido graças à área geográfica terá traduzido apenas a ostentação do poder Shona-Karanga, mas também teria a função de proteger o culto territorial, bem como possibilitar a realização de cerimónias mágico-religiosas (Ibidem).

Do ponto de vista arquitectónico, o amuralhado do Songo consiste em dois tipos de construções, a saber: o amuralhado em si e as casas de *dhaka*, estaca e palha. Neste amuralhado existiu um tipo da técnica de construção usada: *Retaining Wall* (construções em plataforma, por cima da qual assentavam as casas de habitação que eram da elite governante) (Macamo 2006).

4.2. Somaná

Somaná é uma antiga cidade costeira, ou antigo centro urbano, que foi identificado por uma equipa da UEM dirigida por Ricardo Teixeira Duarte em 1983. A cidade encontra-se em uma pequena ilha de fácil acesso através de pequenas embarcações, mas de difícil acesso para grandes embarcações, que não podem aproximar-se ao local devido a baixios e recifes de corais em águas rasas (Duarte 1993).



Figura 2. Vista das construções de Somaná no distrito de Nacaça-a-Velha (Foto: César Mahumane 2018)

Neste contexto, foram efectuadas escavações arqueológicas que resultaram na descoberta de vestígios arqueológicos como cacos de cerâmica e conchas (Duarte 1993: 61, Marrame 2018). Em 1983 Duarte escavou duas sanjas de 2x2m, e quatro sanjas de 1X1m. Estas escavações resultaram na descoberta de uma concentração de fragmentos de cerâmica pertencentes a Tradição Lumbo. Mais adiante, Duarte estudou a arquitectura clássica Swahili representada na construção de Somaná.

O referido autor afirma que, quando os portugueses chegaram no local, onde se encontra Somaná, por volta do século XVI, a cidade já estava abandonada, caso contrário teriam identificado fontes documentais sobre ela que testemunhassem contactos comerciais entre os Portugueses nesta região, o que não aconteceu. Consequentemente, embora não haja certeza sobre a data em que a cidade foi erguida, é muito provável que no século XVI, quando os portugueses chegaram nesta região, já estava abandonada (Duarte 1993: 67). A cidade é

composta por ruínas com casas construídas com pedras de corais e pintadas de cal feito de conchas, como características comuns em muitos centros arqueológicos costeiros do norte de Moçambique (Duarte 1993: 65, Marrame 2018). Para Duarte (1993), Somaná é uma das importantes cidades Swahili, no norte da Província de Nampula, devido à arquitectura clássica Africana que a estação apresenta, sendo datada dos séculos XIII-XIV AD (Duarte 1993: 67).



Figura 3. Construção de Somaná (Duarte 1993)

Somaná, de fortes muralhas e construções artisticamente decoradas, tinha do lado direito duas janelas de quem entra na baía de Nacala, embora de dimensões reduzidas, constituem uma relíquia única que importa a todo o custo preservar (Duarte 1988: 65). Somaná foi um entreposto comercial Swahili e hoje constitui um vestígio único a ser preservado para a contínua realização de estudos arqueológicos de forma a aprofundar o seu conhecimento científico (Duarte 1987:10; Madiquida 2007).

Em conclusão, o desenvolvimento económico e social das Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique, permitiu que adoptassem hábitos de vida marítimos, na zona costeira, o estimulou o surgimento das cidades Swahili, com um estilo de arquitectura clássica Africana na região costeira do Oceano Índico (Macamo 2003a citando Chami 1993). Tal é o caso de Somaná.

4.3. Perspectiva geral sobre as origens urbanas no Vale do Zambeze e na Costa do Índico

A região do vale do Zambeze constitui não só uma zona de contactos, como também é uma das principais rotas fluviais de transacções comerciais. Esta região desempenhou um papel importante ao longo da história, além de ser rica em agricultura, minas, faunas e pesca. Ela é uma região que tem e teve acesso à navegação com outras regiões, o que fez com que servisse de meio de comunicação com as regiões do interior (Farrer 2012: 4).

As várias fontes sobre as pesquisas arqueológicas efectuadas no passado, demonstram que a região a norte do Rio Zambeze na província de Tete, tem um vasto património arqueológico de diferentes períodos da pré-história. A região tem sido também uma grande zona de contactos interculturais. Esses contactos remontam desde o comércio com os mercadores árabes da Pérsia e da Índia, durante a primeira fase antes do século XV e com os mercadores europeus, na segunda fase, a partir do século XVI (Maia 2015: 21; Macamo 2006).

O amuralhado do Songo surge como resultado de contactos com o mundo exterior, através da criação e domesticação do gado, a presença de elementos naturais existentes na região e outros factores, que contribuíram para a construção deste centro no interior de Moçambique, especificamente no Vale do Zambeze (Macamo 2006).

Os contactos com os vários povos que vinham ocorrendo no território de Moçambique foi sobretudo na região do vale do Zambeze. As pesquisas históricas e arqueológicas demonstraram que os contactos realizados nesta região, são de certa forma, precedentes do século XVI e se intensificaram com a chegada dos europeus-ocidentais na região (Maia 2015: 24).

Actualmente, a região do Vale do Zambeze vai desde a fronteira com a Zambézia no Zumbo, passa pela Albufeira de Cahora Bassa, onde foi construída uma das maiores barragens hidroelétricas da África, corta a cidade de Tete ao meio, desce por Sena até ao Oceano Índico (Ferreira 1977: 102). O enquadramento geográfico do Vale do Zambeze, junto com as áreas circundantes pode ser visto como uma região extremamente complexa sob o ponto de vista da etno-histórico, e é uma verdadeira zona de contactos interculturais (Ibidem: 32).

A Costa Oriental de África, ao longo da história tem-se caracterizado pela facilidade de acesso, quer através do interior, quer através do mar. O mar foi uma via de contactos e de interacção com o mundo exterior, principalmente como via de comércio marítimo (Sheriff 2010: 57).

fertilidade dos solos, condições de comunicação pelo rio e as oportunidades de comércio no Índico.

Tabela 1. Antigos centros urbanos de Moçambique do tipo Zimbabwe-Khami, que mantinham relações comerciais com a costa do Oceano Índico. Fonte: Macamo (2006)

Região do Interior	Localização	Tipo de construção	Material de construção	Artigos locais e importados	Cronologia
Manyikeni	Província de Inhambane, Distrito de Vilankulos (Próximo da costa).	Zimbabwe	Calcário; (Pedras sobrepostas sem uso de argamassa)	Cerâmica local heterogénea; loiça vidrada, missangas, um gongo de ferro e uma pulseira de ouro.	1200-1450 AD (Séc. XIII-XV)
Songo	Província de Tete, Distrito de Cahora Basa (Vale do Zambeze).	Khami	Granito; (Pedras sobrepostas, sem uso de argamassa)	Cerâmica local (decorada com linhas de incisão)	1770 (Séc. XVIII)
Niamara	Província de Manica, Distrito do Bárue (Terras altas de Manica)	Khami	Xisto; (Pedras sobrepostas, sem uso de argamassa)	Cerâmica local, uma viga de balança de bronze, missangas vidradas, um exemplar de porcelana Chinesa e duas facas de origem Europeia	1400 (Séc. XV)

*Tabela 2. Antigos centros urbanos da presença Swahili, na costa do Índico, em Moçambique.
Fonte: Duarte (1993).*

Região da costa	Localização	Tipo de arquitectura	Material de construção	Artigos locais e importados	Cronologias
Quisiva	Província de Cabo Delgado, distrito do Ibo	Swahili	Pedras de coral	Desconhecidos	Séc. (XVII-XIX)
Pangane	Província de Cabo Delgado, distrito de Macomia	Swahili	Pedras de coral	Desconhecidos	Desconhecidas
Quissanga	Província de Cabo-Delgado, distrito de Quissanga	Swahili	Pedras de coral, (uso de argamassa)	Cerâmica vidrada, pintada com grafite e ocre	Séc. (XVII-XVIII)
Gomene	Província de Cabo-Delgado distrito de Mecúfi	Swahili	Pedras de coral (sem uso de argamassa)	Cerâmica local feita de ocre e pintada (decorada com linhas de incisão e de impressão)	Séc. (XVIII-XIX)
Somaná	Província de Nampula, distrito de Nacala-velha	Swahili	Pedras de coral, (uso de argamassa)	Cerâmica local (decorada com linhas de incisão e estampa)	Séc. (XIII-XIV)

No geral, a região do Vale do Zambeze e a Costa do Oceano Índico, mantiveram-se ligados desde os séculos muito recuado, no que tange ao comércio marítimo praticado pelas comunidades que a li se cruzavam. Este facto permitiu com que estas comunidades, não só mantivessem a prática do comércio nestas regiões, mas também preferiram erguer as suas habitações nestas áreas, em forma de cidades amuralhadas para manter o controlo de seus negócios, praticando, ao mesmo tempo, a criação do gado. Este facto possibilitou que estas comunidades mantivessem o controlo de outras actividades que lhes eram necessárias nestas regiões (Macamo 2006; Maia 2015).

Acredito que com a realização de novos trabalhos arqueológicos nestas regiões, poderão surgir resultados que sejam de grande valor para o património arqueológico no país, referente as origens urbanas em Moçambique AD.

Nesse sentido, as pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos anos, têm tido resultados significativos por parte destes investigadores e através dos futuros pesquisadores, acredito que surgirão resultados inexoráveis sobre a Tradição Zimbabwe-Khami.

Perspectivando, não é de se admirar que ao longo dos séculos, tenham surgido importantes centros comerciais, intensificados com a instalação do sistema de prazos, a partir do século XVI. Tete e Quelimane são caracterizados por Rodrigues Júnior (1965: 143) como sendo terras de sonho, de aventuras e de trabalho.

5. CONCLUSÃO

Quando olhamos para a história de Moçambique e em particular para o Vale do Zambeze, no processo dos contactos com outros povos, vemos que as modificações foram mútuas em vários aspectos sociais e culturais com esta região (Maia 2015: 36).

A região do Vale do Zambeze, impulsionou, de certa forma, para que as Comunidades Tardias ligadas ao comércio a longa distância, desenvolvessem o urbanismo, facto que resultou na formação do centro urbano de Songo. Esta região, foi um ponto de encontro de diferentes povos, desde os falantes de línguas Bantu, que encontraram os caçadores-recolectores, seguindo-se os Árabes e os Europeus.

A fonte escrita mais importante sobre a Costa Oriental Africana é o *Périplus Maris Erythraei*. O escritor descreveu os habitantes da Costa Oriental Africana como sendo comunidades de alta estatura (Palmer 1949). Oliver (1966) sugere que estas comunidades eram cuxitas, comparáveis aos primeiros agricultores que habitavam as terras altas do Quênia, desde cerca do ano 1000 e que segundo os testemunhos arqueológicos disponíveis eram homens de elevada estatura. No entanto, não há evidências claras sobre a organização sócio-política deste período, embora o autor mencione a existência de chefes em cada cidade ao longo da Costa Oriental Africana (Sheriff 1980: 612).

Nicholls (1971, citado por Duarte 1993: 39), realça que a organização política das Comunidades Swahili estava ligada à organização social dos grupos matrilineares Bantu do leste africano, apesar da sua influência islâmica. Estas e outras evidências indicam que as suas cidades são de origem Bantu. Dois factores a analisar sobre o surgimento das cidades Swahili ao longo da Costa Oriental estão associados com:

1. A existência de recursos naturais atractivos para habitação, onde a pesca desempenhava um papel importante na economia;
2. O desenvolvimento do comércio a longa distância com a Ásia, a partir dos finais do primeiro milénio AD (Sheriff 1980: 569; Madiquida 2007: 16).

Em geral, dos assuntos apresentados até aqui, o ponto central que o presente trabalho pretendeu demonstrar foi a importância que estas duas regiões tanto o Vale do Zambeze e a Costa do Oceano Índico, provavelmente nos finais do primeiro ao segundo milénio AD, para as origens

urbanas em Moçambique AD. A disponibilidade de recursos, o acesso fácil à navegação, permitiu que não só, as comunidades mantivessem as trocas de produtos, mas que também, incitou com que estas, construíssem as suas habitações em forma de cidades amuralhadas nestas regiões.

Solange Macamo nos seus estudos que realizou na região do Vale do Zambeze, apelidou estes centros, de lugares privilegiados (Macamo 2006). A investigadora ressalva, que o conceito de lugares privilegiados pode ser usado, para ilustrar o uso dos lugares naturais e pré-coloniais em Moçambique em relação ao poder político, sociedades dinâmicas e interações ambientais e culturais. Segundo ela, além de serem povoamentos da elite, a criação de lugares privilegiados é também constituída através de relações entre as pessoas locais e o meio ambiente físico e cultural que as rodeia (Macamo 2006).

Deste modo, não é de se admirar que nos últimos anos, ocorram grandes indústrias ao longo do Vale do Zambeze e da Costa do Oceano Índico. Estas regiões foram e ainda continuam sendo regiões de grande importância para a exploração de recursos existentes no seu meio. Estas regiões também podem ser usadas como vias de navegação marítima. Nos últimos anos tem-se assistido uma grande exploração dos recursos que estas regiões apresentam. Por exemplo, na região do Vale do Zambeze, existem algumas indústrias como a indústria de exploração de carvão de Moatize, localizada na província de Tete. Outros projectos que visam explorar os recursos é a ANADARKO que recebeu os direitos de exploração comercial de hidrocarbonetos, ao longo da Costa do Oceano Índico, e chegou a realizar trabalhos de levantamentos sísmicos para perfurar poços, para extração dos recursos existentes nesta região.

Portanto, as duas regiões analisadas tiveram um papel marcante no que tange ao percurso de desenvolvimento urbano. Para tal, os factores internos e externos foram importantes. Com efeito, nos últimos dias, estas regiões continuam sendo ricas em termos de recursos naturais, que são aproveitados para grandes indústrias. A exploração dos elementos naturais nas regiões do Vale do Zambeze, assim como da Costa do Índico, continua a contribuir para o desenvolvimento urbano, tanto para beneficiar a comunidade local, como para o país, no geral.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adamowicz, L. 2003. Geografia do Património Cultural de Moçambique. Maputo.
- Adamowicz, L. 2008. Círculo de Interesse pelo Património Cultural, Campo Regional de Jovens “Educação pela Preservação do Património Cultural” Ilha do Ibo.
- Araújo, G. M. 1997. *Geografia dos povoados: uma análise geográfica dos assentamentos humanos rurais e urbanos*. Maputo: Livraria Universitária-Universidade Eduardo Mondlane.
- Araújo, G. M. 2003. *Os espaços urbanos em Moçambique*. GEOUSP – Espaço e Tempo.
- Barradas, L. 1972. Os Construtores de Zimbábwé. *Monumenta*, 8: 41-53.
- Bertagnolli, B. G.. 2016. Espaços urbanos: Possibilidades e limites.
- Chirikure, S; M. Manyanga; A. M. Pollard; Bandama; G. Mhachi, I. Pikirayi. 2014. Zimbabwe Culture before Mapungunbwe: New evidence from Mapela Hill, Sout-western Zimbabwe. *Plos one* 9 (10): 1-18.
- Duarte, R. T (s/d). Considerações sobre o Património Arquitectónico e Artístico da Ilha de Moçambique.
- Duarte, R. T. 1988. Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique (1974 a 1988): Retrospectiva do trabalho realizado. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia N5*.
- Duarte, R. T. 1993. *Northern Mozambique in the Swahili World. An archaeological approach* (Studies in African Archaeology 4). Maputo: Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University. Maputo: Eduardo Mondlane University, Stockholm: Central Board of National Antiquities, Uppsala: Sciatis Archaeologica Uppsaliensis.
- Ferrer, G. 2012. *Os colonos do Vale do Zambeze: uma introdução*. Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Historia da UFMG. Vol. 4; nr 2.
- Hall, M. & Steoff, R. 2006. *Great Zimbabwe*. Oxford University Press.
- Hall, M. 1987. *The changing past: Farmers, Kings and traders in southern Africa, 200-1860*. Cape-Town: David Phillip.
- Macamo 2009a Manual de Pré-história de Mocambique. Maputo: UEM/ Departamento de História
- Macamo, S. & Ekblom A. 2005. Projectos SAREC e a participação das comunidades locais na pesquisa arqueológica: O caso do Distrito de Vilankulo. In B. Zimba & J. Castiano (coords.) *As Ciências Sociais na Luta contra a Pobreza em Moçambique*, 125-138.

Maputo: Organization for Social Science Research in Eastern and Southern Africa (OSSREA).

- Macamo, S. 2003a. Origens Swahili. Texto de apoio (Séc. I-X AD). Maputo: DAA/UEM
- Macamo, S. 2003b. Dicionário de Arqueologia e Património Cultural. Maputo: Ministério da Cultura
- Macamo, S. 2006. *Privileged Places in South Central Mozambique. The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Degue-Mufa*. Studies in Global Archaeology 4. Maputo: Department of Archaeology and Anthropology, Eduardo Mondlane University. Uppsala: African and Comparative Archaeology, Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.
- Macamo, S. 2009b. Estação Arqueológica de Manyikeni. Maputo: Ministério da Educação e Cultura, Direcção Nacional da Cultura.
- Macamo, S. 2021. Texto de apoio das aulas da cadeira das Sociedades Complexas e o Surgimento do Urbanismo em Moçambique. Maputo: DAA/UEM
- Madime, O. 2015. Sofala rota do comércio internacional: Uma reflexão a partir das análises técnico-morfológicas das cerâmicas. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.
- Madiquida, H. 2007. The Iron-Using Communities of the Cape Delgado Coast from AD 100. Uppsala: Uppsala University.
- MAE. 2014. *Perfil de Cahora Bassa*. Maputo: Ministério da Administração Estatal. www.maefp.gov. (Consultado em 01 Novembro de 2021).
- Maia, A. A. 2015. Mudanças socioculturais entre os Nyungue do Vale do Zambeze: Resistências, Rupturas e Continuidades na Estrutural Social. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Humanas da Universidade de São Paulo.
- Mangucci, A. C. 1995. Olarias de louça e azulejo da freguesia de Santos-o-velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII. Centro de Arqueologia de Almada.
- Mangucci, A. C. 1997. A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa. *In: Actas das 3as Jornadas Tondela*, 28 a 31 de Outubro.
- Marrame, B. O. 2018. Fundamentação para a Classificação de Monumentos Arqueológico-Swahili em Moçambique Somaná (Séculos XIII-XIV AD). Monografia de licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural. *in: Universidade Eduardo Mondlane*, Maputo.
- Meneses, F.G.A. & Oliveira, L.L.G.S. 2013. Localização geográfica de sítios arqueológicos no ambiente do Google earth. *Revista Tecnologia e Ambiente* Vol. 19. No 1:195-209.

- Muchangos, Dos. A. 1999. *Moçambique, Paisagens e Regiões Naturais*. Maputo: Tipografia Globo.
- Mungói, A. C. 2011. A produção de energia: Vasos políticos e económicos do território e desenvolvimento rural no vale dom Zambeze; Moçambique – A barragem de Cahora Bassa em questão. GEOUSO – Espaço e Tempo. São Paulo. N29.
- Murargy, I. M. Murade. 2001. Livro na Rua Moçambique.
- Oliveira, O. R. 1973. Zimbábue de Moçambique: Proto-história africana. Monumenta 9: 31-64.
- Padovani, G. R. E. 1990. *A cidade: O espaço, e o lazer*. Instituto de ciências agrária, São Paulo-Brasil.
- Phillipson, D W. 2002. *African Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ramos, M. 1979. Contribution portugaise à l'étude archaéologique de la vallée du Zambeze. Leba.
- Ramos, M. 1980. Une enceinte (Monomotapa) peu connue du Songo, Mozambique. In Leakey, R. E. F. & Ogot, B. A (eds.) *Proceedings, 8th Pan African Congress of Prehistory and Quaternary Studies: 355-356*. Nairobi: Memorial Institute for African Prehistory.
- Rodrigues, M. C. 2009. *Contribuição para a arqueohistória comum de Portugal e de Moçambique: O recinto amuralhado do Songo no contexto do Estado Mutapa-Resultados da Intervenção Arqueológica-Província de Tete*. Lisboa: Centro de História-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- S/A. 1987. História de Moçambique. Artigo Académico.
- Wieschhoff, H. A. 1941. *The Zimbabwe-Monomotapa culture in southeast Africa*. General Series in Anthropology 8. Menasha: George Banta Publishing Company.